

ANEXO 4 – Reacções do sujeito estigmatizado face à sua problemática

Aceitação

A idealização da identidade social virtual tende a ser igual em todos os indivíduos pertencentes à mesma sociedade, incluindo-se neste pote os indivíduos estigmatizados. Desta forma, mesmo sendo efectivamente “diferente” dos “normais”, o indivíduo estigmatizado “(...) tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos (...)” e a forma como se encara como, de facto, é pode “(...) confundir a sua sensação de ser uma "pessoa normal", um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima” (Goffman, 1963, p.9).

O indivíduo estigmatizado também pode considerar que, independentemente da posição que os outros têm perante a sua pessoa, nunca irá ser aceite como igual no contexto de socialização. Esta noção que existe na pessoa estigmatizada faz com que esta aceite a ideia de que, de facto, ficou abaixo das expectativas do que um ser humano deve ser. Neste contexto, o indivíduo pode desenvolver quadros de depressão e outras patologias de foro psicológico derivados de uma tendência para o isolamento e de desconfiança relativamente aos outros (Goffman, 1963).

Este aspecto encontra-se relacionado com o estabelecimento de um rótulo que o próprio indivíduo o aceita como sendo real, tal como Michener, H. et. al (2005) consideram ao referir que a rotulação é um processo de atribuição de um status socialmente estigmatizado e de discriminação social, que de uma forma em geral afecta o auto-conceito da pessoa e o seu comportamento. Por vezes esta estigmatização tem como consequência o afastamento mútuo entre desses indivíduos e a sociedade. A rotulação dos indivíduos como desviantes poderá por em marcha um processo de significância nesses mesmos indivíduos. A reacção da sociedade perante estes indivíduos produz mudanças no seu comportamento e auto imagem.

Vitimização

A consciência de possuir uma característica negativa, alvo de estigmatização, faz com que o estigmatizado se idealize de forma negativa. Este facto leva os sujeitos a procurar mudar a característica específica que os coloca nessa posição negativa. Quando essa mudança é possível de se concretizar (cirurgia plástica, psicoterapia, etc.), apesar da

evidência objectiva que o torna alvo de estigma se esvanecer, surge uma alteração no indivíduo e não o torna numa pessoa dita “normal”, mas sim numa pessoa transformada, alguém que tinha um defeito específico e tem provas de que o corrigiu (Goffman, 1963).

Este aspecto associado à mudança que pode surgir aquando de uma idealização negativa do ego, no entanto o mesmo se verifica aquando do processo de idealização positiva face ao estigma e aos ganhos secundários que daí podem advir.

Ganhos secundários

Quando a mudança (ou correcção de determinada característica que o indivíduo considera como sendo determinante à sua condição de estigmatizado) não é possível de uma forma directa e objectiva (o facto de um indivíduo ter sido dependente de drogas, de ter estado recluso, etc.) o indivíduo pode tentar corrigir a sua condição de forma indirecta. Esta correcção de forma indirecta pode-se estabelecer com o compromisso e dedicação do indivíduo a determinada actividade que, geralmente, se encontra interdita a pessoas com a sua condição. Os atletas paralímpicos são um exemplo bem presente desse facto, sendo indivíduos que se dedicam a actividades desportivas que a esmagadora maioria das pessoas na sua condição não são capazes de fazer ou que na idealização social não estão aptas para tal (Goffman, 1963).

Existe, também, a noção de que ao passar por um sofrimento anormalmente longo e, geralmente, permanente, as pessoas possuem uma perspetivação diferente da realidade e, no seu ver, mais consciente e mais valiosa da mesma:

O estigmatizado pode, também, ver as privações que sofreu como uma bênção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas (Goffman, 1963, p.13).

Este aspecto pode levar o estigmatizado a considerar-se mais consciente das circunstância da vida humana do que os “normais”, identificando nestes limitações no modo como vivem (Goffman, 1963).